UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

ÍTALO FRANÇA MESQUITA

CULTURA DE UM POVO: PERMANÊNCIA, MODIFICAÇÕES E PERFORMANCES DAS QUADRILHAS JUNINAS DO ESTADO DO CEARÁ NA ATUALIDADE

ACARAPE - CE
2026

ÍTALO FRANÇA MESQUITA

CULTURA DE UM POVO: PERMANÊNCIA, MODIFICAÇÕES E PERFORMANCES DAS QUADRILHAS JUNINAS DO ESTADO DO CEARÁ NA ATUALIDADE

Trabalho de conclusão final apresentado ao Instituto de Humanidades como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Patrick de Oliveira Almeida

ACARAPE - CE

2026

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....05
2 OBJETIVOS.....07
2.1 Objetivo Geral.....07
2.2 Objetivos Especificos.....07
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....08
3.1 As Quadrilhas Juninas no Brasil: Origem e transformações.....10
3.2 Modificações e performances das quadrilhas juninas do Estado Do Ceará na Atualidade.....12
4 METODOLOGIA.....15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....16
REFERÊNCIAS.....18

RESUMO

Este trabalho analisa o movimento junino no Estado do Ceará na atualidade, destacando as permanências, modificações e performances das quadrilhas enquanto expressão da cultura popular e do patrimônio cultural imaterial. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter bibliográfico e natureza descritivo-analítica, com recorte temporal entre 2015 e 2025, fundamentando-se em produções acadêmicas, dissertações, artigos científicos e documentos institucionais que discutem cultura, identidade, tradição, hibridização cultural e políticas culturais. O estudo parte da compreensão de que as quadrilhas juninas constituem manifestações dinâmicas, historicamente construídas, que articulam memória coletiva, pertencimento territorial e processos contemporâneos de espetacularização. A análise evidenciou que, nas últimas décadas, as quadrilhas cearenses passaram por intensas transformações estéticas e organizacionais, incluindo a elaboração de enredos temáticos, a ampliação da complexidade coreográfica, o uso de recursos tecnológicos e a profissionalização da gestão interna dos grupos. Tais modificações, entretanto, não significam ruptura com os elementos tradicionais, mas revelam estratégias de adaptação e reinvenção cultural diante das exigências competitivas e institucionais do cenário atual. Observa-se que permanências simbólicas, como a formação em pares, a centralidade do casamento matuto e a valorização do imaginário sertanejo, continuam estruturando a identidade da manifestação. Conclui-se que o movimento junino no Ceará se configura como prática cultural viva, que transita entre tradição e modernidade, reafirmando-se como expressão identitária coletiva e como espaço de sociabilidade, resistência e criação artística.

Palavras-chave: Quadrilhas juninas. Cultura popular. Movimento junino. Ceará.

1 INTRODUÇÃO

O movimento junino, no Estado do Ceará, configura-se como uma das mais expressivas e complexas manifestações do patrimônio cultural imaterial do Nordeste brasileiro. As quadrilhas juninas, enquanto protagonistas desse movimento, constituem não apenas espetáculos festivos realizados no período de São João, mas espaços privilegiados de produção simbólica, construção identitária, sociabilidade comunitária e transmissão intergeracional de saberes. Nesse sentido, analisar o movimento junino é compreender dimensões profundas da cultura de um povo, suas formas de organização coletiva, seus valores e suas estratégias de permanência histórica.

Tradicionalmente associadas às festividades religiosas dedicadas a Santo Antônio, São João e São Pedro, as quadrilhas juninas consolidaram-se como expressões culturais que dialogam com elementos do imaginário rural nordestino, representando cenicamente o casamento matuto, a vida no campo, as relações de compadrio e os costumes sertanejos. Contudo, longe de constituírem práticas fixas ou cristalizadas no tempo, essas manifestações vêm passando por intensos processos de transformação, sobretudo nas últimas três décadas.

No Ceará, esse processo tornou-se particularmente visível a partir da ampliação dos festivais competitivos, do fortalecimento de circuitos regionais e estaduais de apresentações e da crescente profissionalização dos grupos juninos. A incorporação de recursos tecnológicos, iluminação cênica, trilhas sonoras elaboradas, figurinos luxuosos e enredos temáticos complexos redefiniu significativamente as performances das quadrilhas. Tal fenômeno, frequentemente denominado “estilização”, não se limita à dimensão estética, mas repercute nas formas de organização interna, nas dinâmicas de financiamento, na captação de recursos públicos e privados e nas relações de pertencimento dos sujeitos envolvidos.

Essas transformações colocam em evidência uma tensão central: de um lado, a necessidade de preservar elementos considerados tradicionais; de outro, a demanda por inovação, competitividade e visibilidade no cenário cultural contemporâneo. Essa tensão pode ser compreendida à luz das discussões sobre hibridização cultural propostas por Canclini (2008), segundo o qual as culturas latino-americanas são atravessadas por processos de articulação entre práticas tradicionais e formas modernas de produção simbólica. No caso das quadrilhas juninas cearenses, observa-se um movimento em que o “barro” e o “brilho” coexistem, a rusticidade simbólica da roça encontra-se com a espetacularização própria dos grandes festivais.

A reflexão sobre identidade cultural também contribui para compreender esse processo. Para Hall (2016, p.13), as identidades não são essências imutáveis, mas construções históricas que se transformam conforme os contextos sociais, políticos e econômicos. Assim, as mudanças observadas no movimento junino não significam necessariamente descaracterização ou perda de autenticidade, mas podem representar reconfigurações simbólicas que garantem sua continuidade histórica. A tradição, nesse sentido, não é algo estático, mas continuamente reinterpretado.

No contexto brasileiro, Oliven (2006, p. 20) argumenta que tradição e modernidade não são polos excludentes, mas dimensões que coexistem e se influenciam mutuamente. Essa perspectiva permite compreender que a estilização das quadrilhas não elimina os elementos tradicionais, mas os reinscreve em novas lógicas de apresentação e circulação cultural. A performance junina contemporânea, portanto, deve ser entendida como resultado de negociações constantes entre memória e inovação.

Além disso, a compreensão das quadrilhas como patrimônio cultural imaterial amplia o debate sobre sua relevância social. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2015, p.12), o patrimônio imaterial é constituído por práticas, representações e saberes reconhecidos pelas comunidades como parte integrante de sua identidade cultural. Nesse sentido, as quadrilhas juninas não se restringem ao espetáculo apresentado nos festivais; elas envolvem processos coletivos de ensaio, confecção de figurinos, criação de coreografias, composição musical e organização comunitária que mobilizam diferentes gerações e segmentos sociais.

Gonçalves ((2007, p. 109) destaca que o patrimônio cultural deve ser entendido como prática social viva, sujeita a transformações e disputas de significado. Da mesma forma, Meneses (2009, p. 32) ressalta que o valor do patrimônio reside na experiência compartilhada e na memória coletiva que sustenta determinadas práticas culturais. Assim, analisar o movimento junino cearense implica reconhecer sua dimensão dinâmica e histórica, evitando visões romantizadas ou essencialistas da tradição.

No Ceará, estudos recentes como o de Lima (2021), egresso da Unilab, evidenciam que a modernização das quadrilhas introduziu uma lógica organizacional mais estruturada, com divisão de funções, planejamento financeiro e elaboração de projetos culturais para captação de recursos. A exigência por performances cada vez mais elaboradas alterou significativamente a dinâmica interna dos grupos, aproximando-os de estruturas quase profissionais. Entretanto, mesmo diante desse cenário, as quadrilhas continuam desempenhando papel fundamental na coesão social das comunidades, fortalecendo vínculos de pertencimento e identidade local.

A relevância social deste estudo reside justamente na necessidade de compreender como essas transformações impactam a sustentabilidade do movimento junino. A insuficiência de políticas públicas culturais consistentes, a desigualdade no acesso a financiamento e a dependência de editais e patrocínios impõem desafios constantes aos grupos. Ainda assim, as quadrilhas permanecem como espaços de resistência cultural, reafirmação identitária e mobilização comunitária.

Esta pesquisa nasce, também, de uma motivação que articula experiência vivida e investigação acadêmica. A trajetória do autor no movimento junino do Maciço de Baturité atuando como brincante, par de rainha, coreógrafo, maquiador e aderecista permitiu observar, a partir do "chão da quadra", as permanências e transformações que marcam o cenário contemporâneo. Contudo, embora essa vivência constitua ponto de partida reflexivo, o presente estudo assume caráter exclusivamente bibliográfico, fundamentando-se na análise crítica de produções acadêmicas publicadas entre 2015 e 2025 que discutem cultura popular, patrimônio imaterial, identidade e performatividade.

Diante desse panorama, o problema central que orienta esta investigação é: de que maneira a modernização e a estilização das quadrilhas juninas, no Estado do Ceará, afetam a preservação das tradições e a relação dessas manifestações com a sociedade na atualidade?

A partir de um estudo bibliográfico, este trabalho propõe analisar o movimento junino cearense sob a perspectiva das permanências, modificações e performances, compreendendo-o como expressão viva da cultura de um povo. Ao investigar como tradição e modernidade se entrelaçam nas quadrilhas contemporâneas, busca-se contribuir para o debate acadêmico acerca das transformações das festas populares e para a valorização das manifestações culturais que constituem a identidade nordestina.

2 OBJETIVOS

2.1Objetivo Geral

- Analisar o movimento junino no Estado do Ceará na atualidade, destacando as permanências, modificações e performances das quadrilhas a partir de pesquisa bibliográfica.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as principais características tradicionais das quadrilhas juninas cearenses;
- Descrever as mudanças ocorridas nas quadrilhas, especialmente no que se refere à estilização e à organização dos grupos;
- Compreender como as performances atuais das quadrilhas refletem a relação entre tradição e modernidade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A investigação sobre o movimento junino no Ceará exige uma compreensão profunda sobre como a cultura popular se comporta na atualidade, fugindo de visões que a enxergam apenas como algo antigo ou congelado no tempo. É preciso entender que a cultura popular é um campo de forças vivo, onde a memória das comunidades se encontra com as pressões do mundo moderno para criar novos significados. Longe de ser um resquício do passado, as festas juninas são espaços onde o povo brasileiro expressa sua forma de ser e de resistir, transformando a realidade através da dança e do ritual. Nesse contexto, as quadrilhas deixam de ser meras apresentações coreográficas para se tornarem palcos de afirmação social e identidade, onde cada passo dado na quadra carrega a história de gerações.

Para embasar essa visão, recorremos ao pensamento de Hall (2016, p.108), que nos ensina que a identidade cultural não é uma essência fixa ou uma herança que recebemos pronta e imutável. Na verdade, a identidade está em constante "vir a ser", sendo moldada conforme os grupos sociais negociam com o seu tempo. Isso explica por que a quadrilha junina do Maciço de Baturité hoje não é a mesma de décadas atrás; ela se adapta, incorpora novos elementos e responde aos desejos da juventude e do público atual, sem que isso signifique a perda de sua importância. Essa construção de identidade é o que dá força ao brincante, que se vê representado no brilho do figurino e na força da música, unindo o que ele é no dia a dia com o que ele representa durante o espetáculo junino.

Essa convivência entre o que é tradicional e o que é novo no Brasil é discutida por Oliven (2001, 2006). O autor argumenta que o processo de modernização no país não elimina as tradições, mas as reinscreve em novas formas de expressão. É o que observamos nas quadrilhas estilizadas: o casamento matuto, a música regional e os temas sertanejos continuam presentes, mas agora convivem com recursos tecnológicos, iluminação cênica e coreografias que lembram musicais de teatro. Essa mistura, que Canclini (2008) chama de hibridismo cultural, permite que as quadrilhas de Baturité e de todo o Ceará entre na modernidade sem

abandonar suas raízes. O grupo de quadrilha torna-se, então, um lugar onde o "barro" da tradição rural e o "brilho" da tecnologia urbana se fundem para garantir a sobrevivência da festa.

Ao contrário de um monumento de pedra, esse tipo de patrimônio só existe enquanto as pessoas o praticam e o transmitem de geração para geração. No entanto, como ressalta Gonçalves (2007, p.110), preservar não deve ser confundido com "congelar". A preservação cultural consiste em garantir que os sujeitos tenham autonomia e condições para continuar recriando suas tradições. No caso das quadrilhas, isso significa valorizar não apenas os trinta minutos de apresentação sob as luzes, mas todo o processo invisível que sustenta o movimento: os meses de ensaios exaustivos, a união da comunidade para arrecadar fundos e a mão de obra artesanal das costureiras e aderecistas de Baturité.

Aprofundando essa análise, Meneses (2009, p. 32) destaca que o valor de uma manifestação cultural reside também na rede de significados e afetos que ela mobiliza no cotidiano. A quadrilha junina não é apenas estética, ela é uma experiência compartilhada que fortalece os vínculos comunitários e o sentimento de pertencimento a um lugar. Para o jovem de Baturité ou de Itapiúna, participar de um grupo como o Fogo de Palha ou o Arraiá Queima Fogueira é uma forma de se conectar com a história de sua região, ao mesmo tempo em que se sente parte de um movimento maior, que é o cenário junino cearense. DaMatta (1981, p. 71) reforça que a festa é o momento em que a sociedade se reorganiza, permitindo que o brincante saia de sua rotina comum para se tornar um protagonista no "mundo do faz-de-conta" que, na verdade, é muito real em termos de emoção e identidade.

Portanto, ao analisar as permanências e modificações das quadrilhas na atualidade, percebe-se que a estilização e a modernização não representam necessariamente o fim da tradição, mas sim a sua vitalidade. Como observa Lima (2021), em seus estudos sobre o Maciço de Baturité, mesmo com a sofisticação dos figurinos e a complexidade dos enredos, o motor central do movimento continua sendo o amor à cultura popular e a vontade de manter viva a chama do São João. A tradição se revela como uma prática aberta ao futuro, sustentada pela memória coletiva e pela capacidade criativa das comunidades. Assim, o movimento junino permanece como um símbolo de resistência cultural, provando que é possível mudar a forma de dançar e vestir sem perder o orgulho de ser nordestino e a força da celebração comunitária.

3.1 As Quadrilhas Juninas no Brasil: Origem e transformações

A trajetória das quadrilhas juninas no Brasil revela um processo histórico marcado por circulação cultural, apropriações sociais e ressignificações simbólicas. Embora atualmente sejam reconhecidas como uma das mais representativas manifestações da cultura popular nordestina, sua origem remonta às danças europeias do século XVIII, especialmente à *quadrille* francesa, difundida nos salões aristocráticos como prática coreográfica coletiva e formal.

Introduzida no Brasil durante o período imperial, a quadrilha foi inicialmente incorporada aos bailes da elite urbana. Contudo, ao longo do século XIX, esse modelo coreográfico ultrapassou os limites da aristocracia e foi progressivamente apropriado pelas camadas populares. Nesse processo de popularização, a dança sofreu transformações estruturais e simbólicas, perdendo seu caráter exclusivamente palaciano e sendo integrada às festividades religiosas dedicadas a Santo Antônio, São João e São Pedro.

Conforme observa Cascudo (2012, p.398), as festas populares nordestinas caracterizam-se pela convivência entre o sagrado e o profano, articulando devoção religiosa, celebração coletiva e teatralização da vida social. Nesse contexto, a quadrilha junina deixa de ser apenas uma dança coreografada e passa a representar, de forma lúdica e dramatizada, o cotidiano rural, incorporando personagens, narrativas e elementos simbólicos próprios do imaginário sertanejo.

Câmara Cascudo (2001, p. 547), ainda em seu "Dicionário do Folclore Brasileiro", já chamava atenção para as transformações da quadrilha enquanto dança:

> Quadrilha. Dança palaciana do século XIX, protocolar, que abria os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, preferida por toda a sociedade. Foi popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático e transformada pelo povo, que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco pares, gritadas pelo "marcante", bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial até os sertões.

Enquanto dança ligada aos costumes da cultura popular brasileira, faz-se imprescindível citar que ela já era, em si mesma, uma adaptação da dança original que, como bem lembra Cascudo, não era "essencialmente" brasileira, pois também era praticada em outros países tanto do continente americano como europeu, tendo sido trazida ao Brasil pelos colonizadores. Além disso, o autor também nos traz outra informação importante: a quadrilha era uma dança palaciana. Logo, inicialmente, não estava ligada àquilo que se costuma classificar como "dança popular", pois era um costume típico da "nobreza" daquele tempo. E se ligava às celebrações festivas da realeza, no sentido aristocrático desse termo CASTRO (2012).

O tradicional casamento matuto, elemento central das quadrilhas brasileiras, constitui exemplo expressivo dessa ressignificação cultural. A dramatização do matrimônio forçado, permeada por humor e crítica social, representa uma leitura simbólica das relações sociais no campo, incorporando aspectos como autoridade paterna, religiosidade e hierarquias sociais. Trata-se de uma performance que combina dança, teatro e música, configurando uma manifestação híbrida que articula múltiplas linguagens artísticas.

Ao longo do século XX, as quadrilhas consolidaram-se como elemento central das festas juninas no Nordeste, especialmente em estados como Ceará, Pernambuco e Paraíba. Além da dimensão festiva, os grupos passaram a desempenhar papel social relevante, funcionando como espaços de sociabilidade juvenil, organização comunitária e fortalecimento identitário. Ensaios coletivos, confecção de figurinos e preparação para apresentações mobilizam bairros inteiros, evidenciando que a quadrilha ultrapassa a condição de espetáculo e se insere na dinâmica cotidiana das comunidades.

Entretanto, a partir das últimas décadas do século XX, com maior intensidade desde os anos 1990, observa-se um processo significativo de transformação no cenário junino brasileiro. A ampliação dos festivais competitivos, a institucionalização de federações juninas e a crescente visibilidade midiática impulsionaram mudanças estéticas e organizacionais nas quadrilhas. A competição passou a exigir maior elaboração coreográfica, investimento em figurinos sofisticados, cenografia temática e trilhas sonoras produzidas com recursos tecnológicos.

Esse processo pode ser interpretado à luz do conceito de hibridização cultural desenvolvido por Néstor García Canclini (2008), segundo o qual as culturas contemporâneas resultam da articulação entre tradições históricas e linguagens modernas. No caso das quadrilhas juninas, observa-se a incorporação de elementos próprios da indústria do espetáculo, a saber, iluminação cênica, efeitos especiais, narrativas dramatizadas sem que os símbolos tradicionais sejam completamente abandonados. A tradição, portanto, não desaparece, mas é reelaborada.

A modernização das quadrilhas também pode ser analisada a partir das reflexões de Anthony Giddens (1991, p.43), que argumenta que, nas sociedades modernas, as tradições passam por constantes processos de reinterpretação. A estilização das quadrilhas não representa necessariamente ruptura com o passado, mas adaptação às novas demandas culturais, econômicas e midiáticas. A tradição, nesse sentido, torna-se reflexiva: é preservada, mas também transformada.

Esse movimento de espetacularização trouxe consigo a profissionalização dos grupos juninos. Muitas quadrilhas passaram a adotar estruturas organizacionais mais complexas, com divisão de funções específicas, tais como coreógrafos, figurinistas, produtores culturais além da elaboração de projetos para captação de recursos públicos e privados. A busca por financiamento por meio de editais culturais e patrocínios evidencia a inserção das quadrilhas em uma lógica de produção cultural que dialoga com o mercado.

Contudo, apesar da ampliação estética e da profissionalização, as quadrilhas não perderam completamente sua dimensão comunitária. A base organizacional permanece vinculada a bairros, associações culturais e coletivos juvenis. Essa coexistência entre espetáculo e pertencimento revela a complexidade da manifestação, que transita entre tradição e inovação.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que as quadrilhas juninas contemporâneas se configuram como práticas culturais híbridas, que articulam herança histórica e reinvenção estética. Conforme argumenta Stuart Hall (2016, p.13), as identidades culturais são construídas historicamente e permanecem em constante processo de transformação. As quadrilhas, portanto, não são expressões fixas de um passado imutável, mas manifestações vivas que se atualizam conforme as condições sociais.

Desse modo, ao analisar as quadrilhas juninas no Brasil, evidencia-se que sua permanência histórica está diretamente relacionada à capacidade de adaptação e reinvenção. A espetacularização não significa necessariamente descaracterização, mas pode representar estratégia de continuidade cultural em um contexto marcado pela competição, pela visibilidade midiática e pela profissionalização das práticas artísticas.

Assim, as quadrilhas juninas configuram-se como manifestações que transitam entre memória e espetáculo, ritual e performance, tradição e modernidade. Sua trajetória histórica demonstra que a cultura popular brasileira não se mantém pela imobilidade, mas pela capacidade criativa de dialogar com as transformações sociais, reafirmando-se como expressão viva da cultura de um povo.

3.2 Modificações e performances das quadrilhas do Estado Do Ceará na Atualidade

As quadrilhas juninas no Estado do Ceará, na contemporaneidade, configuram-se como manifestações culturais marcadas por intensos processos de reorganização interna, sofisticação estética e ampliação da dimensão performática. Diferentemente de leituras que enfatizam apenas o contraste entre tradição e modernização, a realidade cearense revela um movimento

estruturado, que envolve planejamento estratégico, redefinição de papéis internos e inserção ativa em circuitos competitivos institucionalizados.

No campo organizacional, observa-se que as quadrilhas passaram a adotar modelos de gestão mais complexos, com divisão técnica de funções e planejamento anual das atividades. Rufino et al. (2017, p. 56), ao analisarem uma quadrilha competitiva, demonstram que esses grupos operam como comunidades de prática, nas quais os saberes são compartilhados e continuamente aprimorados. A preparação para o ciclo junino não se restringe aos meses que antecedem as apresentações, mas se estende ao longo do ano, envolvendo reuniões de equipe, definição temática, planejamento financeiro e ensaios sistemáticos. Essa organização evidencia que as quadrilhas contemporâneas deixaram de funcionar apenas como agrupamentos festivos e passaram a assumir caráter de coletivos culturais estruturados.

A profissionalização interna tornou-se elemento central para a permanência dos grupos no circuito estadual. Atualmente, muitas quadrilhas contam com direção artística, coordenação administrativa, equipe de figurino, coreógrafos, responsáveis por mídia digital e captação de recursos. Essa segmentação funcional demonstra que a produção da performance junina envolve múltiplas competências e exige articulação entre diferentes áreas. Tal configuração amplia a complexidade do movimento e indica que a manifestação junina no Ceará opera em diálogo direto com as exigências contemporâneas da produção cultural.

No âmbito estético, as modificações são igualmente expressivas. A elaboração de enredos temáticos tornou-se prática recorrente entre as quadrilhas cearenses. Barroso (2013, p. 89), ao investigar os usos da tradição nas quadrilhas do estado, argumenta que os grupos selecionam e reorganizam elementos simbólicos para construir narrativas que dialoguem com o público e com os critérios de avaliação dos festivais. A tradição, segundo a autora, não é simplesmente repetida, mas estrategicamente mobilizada como recurso identitário. Assim, as apresentações passam a apresentar unidade dramatúrgica, na qual figurino, coreografia, música e cenografia articulam-se em torno de um tema central.

Essa construção temática amplia o caráter narrativo das performances. A quadrilha deixa de ser apenas sequência coreográfica marcada por comandos tradicionais e passa a desenvolver espetáculo estruturado em atos ou quadros cênicos. A trilha sonora é editada para acompanhar a progressão narrativa, incorporando variações rítmicas, efeitos sonoros e locuções que reforçam o enredo. O resultado é uma performance que combina dança, teatro e elementos audiovisuais, configurando experiência estética mais imersiva.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão corporal da performance. As coreografias contemporâneas exigem maior preparo físico e precisão técnica. A sincronia entre os pares, os

deslocamentos espaciais complexos e as formações geométricas dinâmicas indicam que o corpo do brincante passou a ser trabalhado de maneira mais sistemática. Ensaios frequentes e treinamento intensivo tornaram-se parte da rotina dos grupos, sobretudo daqueles que disputam etapas estaduais. A performance, portanto, assume caráter técnico mais rigoroso, sem perder a expressividade coletiva.

Castro (2020), ao analisar a experiência de quadrilheiros do interior cearense, destaca que a participação no movimento junino envolve forte dimensão afetiva e identitária. O autor demonstra que o engajamento nos grupos ultrapassa a busca por premiação e envolve sentimentos de pertencimento, orgulho territorial e reconhecimento social. As modificações estéticas e organizacionais não eliminam esse vínculo afetivo; ao contrário, podem reforçá-lo, na medida em que o sucesso competitivo projeta o nome da comunidade no cenário estadual.

No plano institucional, as políticas públicas culturais têm desempenhado papel significativo na configuração atual das quadrilhas. A Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT, 2024) tem ampliado investimentos por meio de editais específicos para o ciclo junino, estabelecendo critérios de seleção e financiamento que impactam diretamente a organização dos grupos. A exigência de formalização jurídica, prestação de contas e apresentação de projetos estruturados impulsiona a profissionalização administrativa das quadrilhas.

Essa institucionalização também reorganiza o circuito competitivo. Dados divulgados pelo Governo do Estado do Ceará (CEARÁ, 2025) indicam que o calendário junino estadual envolve etapas regionais e final estadual, distribuídas em polos estratégicos. Essa territorialização fortalece redes de circulação cultural e amplia a visibilidade dos grupos, mas também intensifica a competitividade e eleva os padrões técnicos exigidos.

No campo estético-visual, a transformação dos figurinos constitui um dos aspectos mais evidentes das modificações contemporâneas. O uso de materiais sintéticos, bordados, industrializados, pedrarias e estruturas volumosas amplia o impacto visual das apresentações. A produção dos trajes envolve equipes especializadas e representa parcela significativa do orçamento anual dos grupos. Essa sofisticação visual dialoga com a lógica dos grandes espetáculos, contribuindo para a consolidação da quadrilha como performance de grande porte.

Entretanto, tais modificações não eliminam elementos estruturantes da manifestação. A formação em pares, a presença do marcador e a organização coletiva permanecem como fundamentos simbólicos da quadrilha cearense. Mesmo quando o casamento matuto assume novas configurações narrativas, sua presença continua a desempenhar papel central na

dramaturgia da apresentação. Essa coexistência entre inovação e permanência revela que as transformações não implicam ruptura total com os referenciais históricos do movimento.

Outro elemento contemporâneo relevante é a presença digital das quadrilhas. Redes sociais tornaram-se ferramentas estratégicas de divulgação de ensaios, lançamento de temas e mobilização de torcidas. A circulação de imagens e vídeos amplia o alcance das apresentações para além dos espaços físicos dos festivais, criando novas formas de reconhecimento público. Essa visibilidade digital contribui para a construção da reputação dos grupos e influencia, inclusive, sua capacidade de captação de recursos.

Por fim, é possível observar que as performances atuais também incorporam temáticas sociais contemporâneas. Algumas quadrilhas passaram a abordar questões como desigualdade social, valorização da cultura nordestina, saúde mental e problemáticas ambientais. Essa ampliação temática demonstra que o movimento junino cearense não se restringe à representação do universo rural tradicional, mas dialoga com desafios e debates do presente.

Desse modo, as modificações e performances das quadrilhas juninas no Estado do Ceará, na contemporaneidade, parecem evidenciar um processo cultural marcado por reconfigurações constantes, no qual se articulam aspectos como a profissionalização organizacional, a sofisticação estética, a intensificação competitiva e o fortalecimento identitário. Nesse cenário, as transformações observadas podem ser compreendidas menos como sinais de descaracterização e mais como possíveis expressões de reorganização da prática cultural, cuja continuidade parece relacionar-se à adaptação às demandas sociais e institucionais do tempo presente.

4 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo e analítico, desenvolvida por meio de levantamento e análise bibliográfica. A escolha por esse delineamento metodológico justifica-se pela intenção de compreender, a partir de produções acadêmicas e documentos institucionais, as permanências, modificações e performances das quadrilhas juninas no Estado do Ceará na atualidade.

Segundo Gil (2019, p. 28), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, constituído principalmente por livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais. Esse tipo de investigação permite ao pesquisador acessar diferentes perspectivas teóricas e interpretações sobre determinado fenômeno, favorecendo a construção de análise crítica fundamentada. No caso deste trabalho, a pesquisa bibliográfica possibilitou o

mapeamento das discussões recentes acerca da cultura popular, do patrimônio cultural imaterial, da identidade cultural e das transformações das festas juninas no Brasil e no Ceará.

O recorte temporal adotado compreende o período de 2015 a 2025, com o objetivo de priorizar produções contemporâneas que dialogam com as transformações mais recentes do movimento junino cearense. Entretanto, para fundamentação teórica clássica e contextualização histórica, foram também mobilizados autores de referência cujas obras permanecem centrais no debate sobre cultura, identidade e tradição, como Hall (2016), Canclini (2008), Giddens (1991), Oliven (2006), Cascudo (2001; 2012), Gonçalves (2007) e Meneses (2009).

A coleta de dados bibliográficos foi realizada por meio de consultas em bases de dados acadêmicas como Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), repositórios institucionais de universidades públicas do Ceará, especialmente a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE), além de documentos oficiais publicados pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT-CE) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender o movimento junino no Estado do Ceará a partir das permanências, modificações e performances que caracterizam as quadrilhas na contemporaneidade. A análise bibliográfica permitiu evidenciar que essas manifestações não podem ser interpretadas sob a lógica simplificadora da perda ou descaracterização da tradição, mas sim como processos culturais dinâmicos, atravessados por negociações simbólicas, reorganizações estruturais e novas formas de expressão estética.

As transformações observadas nas últimas décadas revelam um movimento de adaptação às exigências do tempo presente. A ampliação dos festivais competitivos, a inserção de recursos tecnológicos, a elaboração de enredos temáticos mais complexos e a crescente profissionalização dos grupos indicam que as quadrilhas passaram a dialogar com linguagens do espetáculo e com circuitos institucionais de financiamento cultural. No entanto, tais mudanças não significam ruptura com a base comunitária que sustenta o movimento. Ao contrário, demonstram a capacidade de reinvenção de uma prática cultural que permanece enraizada em experiências coletivas, afetivas e identitárias.

Observou-se que as permanências simbólicas como a estrutura coreográfica em pares, a encenação do casamento matuto e os elementos que remetem ao universo sertanejo que

continuam estruturando a identidade das quadrilhas. Essas referências funcionam como pontos de ancoragem cultural, assegurando continuidade histórica mesmo diante das transformações estéticas e performáticas. Assim, tradição e inovação não se configuram como polos opostos, mas como dimensões complementares de um mesmo fenômeno cultural.

A pesquisa também evidenciou que o movimento junino desempenha papel social significativo, especialmente em comunidades do interior do Ceará. As quadrilhas atuam como espaços de sociabilidade, formação artística, construção de pertencimento e fortalecimento da memória coletiva. Nesse sentido, mais do que espetáculos sazonais, constituem redes de mobilização cultural que atravessam o ano inteiro, envolvendo jovens, adultos e famílias em processos colaborativos de criação.

No campo das políticas públicas, ficou evidente a importância dos editais e programas de incentivo para a manutenção das atividades dos grupos. Contudo, também se percebe a necessidade de maior estabilidade e ampliação dessas políticas, considerando que muitas quadrilhas enfrentam dificuldades financeiras e dependem de recursos pontuais para garantir suas produções. O fortalecimento institucional do movimento revela-se, portanto, fundamental para sua sustentabilidade a longo prazo.

Por tratar-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, este estudo não pretende esgotar o tema, mas contribuir para o aprofundamento do debate acadêmico sobre o movimento junino cearense. Recomenda-se que investigações futuras incorporem abordagens de campo, entrevistas e análises etnográficas que possibilitem ampliar a compreensão das experiências vividas pelos brincantes, coreógrafos e organizadores.

Conclui-se que as quadrilhas juninas do Ceará, na atualidade, representam muito mais do que uma tradição festiva: constituem expressão viva da cultura de um povo, que se reinventa sem perder suas referências históricas. A permanência do movimento não reside na imobilidade, mas na capacidade de transformação contínua, evidenciando que a cultura popular é, por natureza, movimento, criação e resistência.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, Hayeska Costa. *Mercadores da tradição: os usos da tradição nas quadrilhas juninas do Ceará*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Thiago Silva de. "Ser quadrilheiro": subjetividade e cultura afetiva no âmbito das quadrilhas juninas competitivas do interior cearense. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CEARÁ (Estado). Secretaria da Cultura. *Edital Ceará Junino 2024*. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2024.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Patrimônio cultural imaterial: para saber mais*. Brasília: IPHAN, 2015.

LIMA, Weslei da Silva. *Animação, desenvoltura e figurino: a construção dos enredos trabalhados pela Quadrilha Junina Pé de Serra (Redenção-CE)*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O patrimônio cultural e seus usos sociais. São Paulo: Edusp, 2009.

OLIVEN, Ruben George. *Cultura e modernidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RUFINO, J. et al. Práticas organizativas de uma quadrilha junina competitiva. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, Salvador, 2017.